

## **SALUBA! NANÃ, A SENHORA DA LAMA QUE ATRAVESSOU O OCEANO E CHEGOU AO BRASIL TRAZENDO A SABEDORIA AFRICANA ANCESTRAL**

Congresso Internacional Online de História, 1ª edição, de 28/06/2021 a 30/06/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-89908-48-7

**AZEVEDO; Thaís Salatiel de <sup>1</sup>, BARROS; Ana Angélica Monteiro de <sup>2</sup>**

### **RESUMO**

A colonização portuguesa no Brasil foi marcada pela exploração do trabalho forçado de africanos em grandes propriedades agropastoris, com produção voltada, principalmente, para o comércio exterior entre os séculos XVI e XIX. Estima-se que a diáspora africana forçada tenha trazido em torno de 4,9 milhões escravizados de diferentes etnias. Inicialmente provenientes da África subequatorial, sobretudo o povo banto de Angola e do Congo, além de sudaneses mulçumanos. A partir do século XVIII, vieram os nagôs/iorubás, jejes e haussás da África superequatorial, da Costa da Mina, atual Nigéria, e da Baía de Benin, antigo Reino de Daomé, atual República do Benin. Foram levados principalmente para Bahia, Pernambuco, Maranhão e Rio de Janeiro. A travessia transatlântica não foi apenas física, mas também cultural e religiosa, influenciando significativamente a formação da sociedade brasileira. Junto com os escravizados, chegaram ao Brasil deidades de diferentes cultos africanos, dentre essas as Yabás (Orixás femininas). Para praticar sua religiosidade no Brasil, os africanos tiveram que ressignificar suas práticas litúrgicas, sempre associadas à natureza sagrada. No presente estudo buscou-se interpretar o mito de Nanã, a guardiã de saberes profundos, detentora do poder de vida e de morte e divindade suprema. Discutir sua origem histórica e mitológica ressignificada no Brasil. A metodologia incluiu a revisão bibliográfica feita através de consultas nas bases de busca Google Scholar e SciELO, usando como descritores os termos afro-religiões, Yabá, Nanã e diáspora africana. A fim de validar a literatura utilizada foi consultada uma Iyalorixá da nação Angola. No mito cosmogônico iorubá, Nanã é uma divindade simultânea à criação do mundo. Pois quando Oduduá separou a água parada, que já existia, da terra, entre o ponto de contato desses dois elementos formou-se a lama dos pântanos e o barro. O barro é a matéria original da qual o ser humano foi modelado, portanto é do barro que a vida surge e é para o barro que o corpo retorna após a morte. Nesse contexto, Nanã se faz soberana dos pântanos e lamas que repousam nos rios. Saluba Nanã! É sua saudação. É a mãe mais antiga do panteão africano. Èlyá Agbà por excelência, Mãe dos Orixás Lokô, Obaluaiê, Ossain e Oxumarê. Seu nome designa uma mulher idosa e respeitável, considerada pelo povo Jêje, uma grande mãe ancestral. Dona de uma personalidade densa, que se manifesta com gestos contidos e movimentos lentos. Demonstra assim, o fardo de carregar a morte sobre seus domínios e o peso da sabedoria suprema. Seu culto implica os espaços sagrados com água parada, lenta como a Yabá, a mãe fértil que

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Ciências, Letras e Artes, Interdisciplinares Culturais e Ambientais, thaissalatiel@gmail.com

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Ciências, Letras e Artes, Interdisciplinares Culturais e Ambientais, anaangbarros@gmail.com

nutre seus filhos. Na natureza brasileira ganhou os manguezais, as lagoas e os fundos das baías. A princípio, lugares com aparência morta, mas na realidade cheios de vida. Na lama, a senhora anciã acolhe, aquieta e paralisa os seres, retornando-os ao útero da Terra. Representa a expressão do poder feminino, que advém do matriarcado tribal e religioso. Resistência às agruras impostas pela escravidão e pelo racismo, através do poder simbólico de Nanã, a Iniê repleta de sabedoria e compaixão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diáspora Africana, Mitologia, Orixá, Religiões de matriz africana, Yabá

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Ciências, La Interdisciplinares Culturais e Ambientais, thais.salatiel@gmail.com

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Ciências, La Interdisciplinares Culturais e Ambientais, anaangbarros@gmail.com